

**Apontamentos da Escola de Comunidade (EdC) com Julián Carrón
Milão, 20 de novembro de 2019**

Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, pp. 7-24.

- *Encontrei-vos (Ja vstretil Vas)*
- *Andare*

Gloria

"Aqui não há apenas uma recordação", acabámos de ouvir: "aqui a vida voltou a falar/ e em Vós existe o mesmo encantamento,/e na minha alma o mesmo amor". Se alguém pode dizer isto, é só porque participa naquilo que hoje vamos ter como tema do nosso encontro de Escola de Comunidade, ou seja, um acontecimento presente; aqui, de facto, não há apenas uma lembrança do passado. Então, como é que a vida voltou a falar?

Queria dizer-te a reação que me causou a Introdução do Gerar rasto na história do mundo, que eu não esperava este ano e que corresponde totalmente ao que o meu coração deseja. Aquilo que me impressionou logo foi a maneira como o D. Gius fala de Jesus, chamando-Lhe "Homem", "o judeu Jesus de Nazaré", com a Sua "voz" e os seus traços: "ternura original", "indiscutível valorização " e " afirmação totalmente positiva do [...] destino " do homem, despertando em mim uma profunda nostalgia do Jesus que o Gius me deu a conhecer e que me "enfeitiçou ", o" Verbo feito carne ", e que quero encontrar novamente este ano, depois de todas as reduções que fiz d'Ele e que continuo a fazer! Não existe Jesus fora do Nazareno, e supliquei e suplico a Nossa Senhora que este ano me faça reencontrar e conhecer melhor Jesus de Nazaré, O do encontro, do Gius e da Encíclica Redemptor Hominis de 1979, (que foi o texto da Escola de Comunidade do meu início!). A outra coisa que me impressionou logo, foi o facto de a pergunta " Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se depois perder a sua alma " não me deixa sem fôlego como ao Gius, pelo contrário, às vezes dou-a por adquirida (mas no início não era assim!) e então perguntei-me: "Porquê?" Acho que é por dar tudo como óbvio, e que o problema é a redução de Jesus a uma abstração que surge sempre no meu caminho e também por não me dar conta de quanto o niilismo penetra a minha mentalidade. Apercebi-me disso por ocasião da tragédia que aconteceu em Roma: Luca Sacchi foi assassinado com um tiro na cabeça. Em particular, impressionou-me a reação da mãe do traficante que matou o rapaz. Denunciou-o à polícia, dizendo: "antes preso que traficante". É o máximo de valorização do fruto do seu seio que esta senhora pôde fazer numa sociedade niilista, denunciar o seu filho para o salvar! Diante deste gesto, percebi que as perguntas de Jesus que o Gius cita ganham peso, valor e são únicas e põem-me em movimento. Mais ninguém podia dizê-las num mundo assim. Agora tento olhar para os meus miúdos através destas palavras e a minha atitude muda, um fio de misericórdia permite-me olhá-los como "pessoas" em relação com o Mistério. Como sempre, não se pode compreender o Gius se não se parte da própria experiência: senão, Jesus, e aquilo que diz, fica abstrato.

Parece-me uma bela introdução ao percurso que começamos esta noite. Porquê? Porque logo com o primeiro impacto sentiste a nostalgia de Jesus a despertar em ti. Porquê? Porque muitas vezes o reduziste, como também podemos verificar na experiência de muitos de nós. Que uma pessoa se dê conta do desejo de encontrar Jesus novamente este ano e que comece a implorar, a pedir a Nossa Senhora que lhe permita encontrar e aprender mais sobre Jesus de Nazaré, isso não é óbvio, porque todos vemos a nossa distância do que nos testemunhou don Giussani: quem dentre nós teve a mesma percepção que o D. Gius diante

daquela pergunta? É impressionante que, na última fase da sua vida, diante de toda a Igreja, D. Giussani tenha dado este testemunho – verdadeiramente um impacto – dizendo de si logo desde as suas primeiras palavras: «“O que é o homem para que vos lembreis dele, o filho do homem para dele cuidardes?” Na minha vida, nunca nenhuma pergunta me impressionou tanto como esta» (p. 7). Se não passarmos por cima destas frases, começaremos a ver a distância entre a forma como as lemos e como ele as percebe *don Giussani* exagera, é sentimental, enquanto nós somos realistas? Há uma distância astronômica entre o eco que nele provoca ler as mesmas frases e o eco que percebemos em nós. Isso também se aplica à frase seguinte: ““Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se depois perder a sua alma?” [...]” nunca ouvi nenhuma pergunta ser-me feita assim, que me tenha deixado tão sem fôlego, como esta!” Não está a dizer coisas banais. É um exagerado? Para não falar de quando ele diz: “Nenhuma mulher alguma vez ouviu outra voz falar de seu filho com [...] ternura original e uma indiscutível valorização do fruto do seu seio, com tal afirmação totalmente positiva do seu destino [...]. Mas mais ainda, nenhum homem se pode sentir a si próprio com esta dignidade de valor absoluto, independentemente das suas capacidades” (pp. 7-8). Poderia continuar. Se fizermos uma comparação entre a maneira como cada um de nós vibrou diante destas coisas e o que *don Giussani* testemunhou, perceberemos que possibilidade temos de participar da sua graça, porque todos nós somos chamados a participar deste olhar. Seria suficiente fazer uma comparação com a maneira como nos percebemos quando vamos trabalhar, quando todos nos tratam segundo as nossas capacidades de sucesso e nos olham de acordo com uma medida. O que é que prevalece em nós? O olhar dos outros ou aquele olhar? Se o olhar testemunhado por *Giussani* não penetra nas nossas entranhas, o cristianismo permanece fora da vida, não fazemos experiência dele. O cristianismo pode penetrar na nossa vida: esta é a promessa da Escola da Comunidade. É por isso que as perguntas surgem imediatamente.

No primeiro ponto da Introdução: ““Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se depois perder a sua alma?”...

Ainda bem que a Introdução não passou em claro! Infelizmente a maioria dos contributos passaram por ela sem sequer pestanejar. Mas a Introdução é fundamental.

Don Giussani diz que a resposta a esta pergunta que mais o impressionou é a outra pergunta: “O que é o homem para que vos lembreis dele, o filho do homem para dele cuidardes?” Eu queria perceber o porquê.

Porque é que *Giussani* responde à primeira pergunta com outra pergunta? Se não o percebemos, significa que não entendemos o que está dentro da pergunta. Vamos deixar a pergunta em aberto e ver se a pouco e pouco, ao longo da EdC, entendemos a resposta que está dentro dessa pergunta.

*Depois do trabalho deste verão sobre a experiência na Jornada de Início de Ano, foi um choque para mim e para outros ouvi-la referindo-se a Cristo, à relação com o Mistério de que se pode fazer experiência, e o episódio da Madalena foi certo como nunca. Como dizias na última vez, o Evangelho começa a falar. A pergunta que tínhamos ao retomar o texto era esta: “Como é possível fazer verdadeiramente experiência do Mistério como a Madalena? Ao começar a ler o novo livro de Escola de Comunidade, impressionou-me que, como também dizias, a famosa intervenção de *Giussani* começou a ser para mim uma resposta a esta pergunta. Pela primeira vez apercebi-me de que este não é um texto para estudar intelectualmente, porque *Giussani* está a descrever a sua experiência de Cristo. E qual é? A descoberta de que aquele homem, Jesus de Nazaré, era o único a interceder a sua pergunta, a sua necessidade de sentido (“O que é o homem para que vos lembreis dele, o filho do homem para dele cuidardes?”), o seu drama. Intuí que não se faz experiência de Cristo se não O intercedamos como*

resposta ao nosso próprio drama, à nossa própria necessidade; isto não é assim tão óbvio, porque, para nós, que estamos há tanto tempo no Movimento, muitas vezes reduzimo-lo, (mesmo sem dar por isso, não é por mal) a estar dentro de uma associação e tudo fica por ali. É preciso sermos leais com a nossa necessidade, ir ao fundo do nosso drama, amar a nossa humanidade, mesmo que mesquinha, como única condição para intercetar a incrível novidade de Cristo e fazer experiência disso como uma coisa única, por isso querida e procurada, não imposta, nem dada por adquirida, e que não se trocava por nada deste mundo. Parece-me que foi neste sentido o teu sublinhado na última EdC sobre a nossa humanidade. Pode parecer pouco, mas estou contente por esta descoberta porque é aquilo em que estou a trabalhar com alguns amigos.

Porque é que sublinhamos isto? Porque, como vemos, as intervenções até agora falam de uma redução, de um dar por adquirido. O que é impede que a EdC seja reduzida a frases, uma abstração ou qualquer coisa do passado, de tal modo que não conseguimos espantar-nos já desde a primeira pergunta? "O que é o homem para que vos lembreis dele, o filho do homem para dele cuidardes"?" (p. 7). Quem de nós olhou para si próprio cheio de espanto diante desta pergunta, esta semana? Quem, quando rezou o *Angelus*, ficou surpreendido com a graça de ser capaz de perceber que aquele anúncio lhe era dirigido, tal como era, no seu nada? O conteúdo da pergunta é uma afirmação completa e totalmente positiva do nosso destino. Percebem? Repetimos as frases do livro uma após outra - aderindo, pelo amor de Deus - mas sem espanto, sem qualquer vibração humana; é como se elas não tocassem as coisas da vida, por isso a percepção que temos de nós é a que toda a gente tem: se as coisas vão bem, se estamos de bom humor, se fazemos as coisas certas e se os outros nos tratarem bem, então estamos felizes; caso contrário, estamos na fossa. Nesta situação, salta logo à vista quem é determinado pelo niilismo e quem começa a perceber que o cristianismo não é um pensamento religioso ou um sentimento, mas um acontecimento, um acontecimento em que participa. Não é que o Mistério não tivesse outras maneiras de se dar a conhecer; *don* Giussani escreve que "Deus também poderia ter escolhido como caminho para Se comunicar aos homens o caminho de uma inspiração direta" – como às vezes dizemos: "Se eu O percebesse dentro de mim..." - mas adverte-nos que este é um caminho "que em nada seria mais fácil e "sempre exposto à flutuação de sentimentos e pensamentos." Portanto, conclui, "a modalidade que Deus escolheu para nos salvar é um acontecimento, não os nossos pensamentos" (p. 21), os nossos sentimentos, os nossos humores. Vamos ver se isto responde à nossa humanidade. Quem já teve experiência disto?

Passei as últimas duas semanas a procurar gerir tudo o melhor possível (trabalho, secretaria, amizades, namorado etc.). Dizia-me: "isto já está feito, isto e aquilo também"

Veem como escorregamos, mudamos de posição, sem pestanejar, em nome do que tem de ser feito?

Exato. E quanto mais fazia, mais eu me perdia.

A tentativa era boa, eu queria responder a cada solicitação ou necessidade da melhor maneira possível, sem querer perder nada. Mas "que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se depois perder a sua alma?" Eu sentia que não estava feliz, mas continuava como um trator a seguir em frente, sem perceber porque me sentia assim. No domingo, até a missa se tornou a última coisa a ser feita, às dez da noite. Depois, o telefonema de uma amiga fez-me dar-me conta do que se passava. Ela disse-me: "Como estás? Onde estás? O que estás realmente a preferir em todas essas coisas que fazes?" Alto! É verdade! Nesta enchente de coisas que estava a fazer, no fim de contas, eu não estava a preferir nem a escolher nada para mim, era apenas uma correria! Resultado: perda de mim mesma. Mas onde é que eu me tinha perdido? O que é que me permite viver tudo o que tenho a fazer com gosto e como descoberta de mim mesma? Vieram-me à cabeça os rostos das minhas colegas de casa, através das quais, misteriosamente

eu vivo quotidianamente uma excepcionalidade, exatamente como o D. Gius descreve: "quando corresponde adequadamente às expectativas originais do coração, por muito confusa e nebulosa que possa ser a consciência delas" (p. 18). É isto! É daqui que eu recomeço, mesmo concretamente! Segunda-feira à noite cancelei todos os compromissos para poder jantar em casa, porque sem este lugar eu não me conheço, ou seja, não conheço os últimos e mais profundos desejos do meu coração, que fazem com que me mova todos os dias e me fazem apreciar o que faço, o trabalho, até as coisas mais chatas. A companhia deles para mim é mesmo o acontecimento tal como o descreve don Giussani: "É um acontecimento - a irrupção de uma novidade – o que dá início ao processo pelo qual o eu começa a tomar [...]do consciência do destino para o qual está a caminhar, do caminho que está a fazer"(p. 22). Assim, descubro-me "dependente" deste lugar, o que se para o mundo e alguns dos meus amigos é um sinal de fragilidade, para mim (é paradoxal), é o motor de arranque de tudo o que tenho para fazer, porque me devolve a mim mesma e por isso define novamente o objetivo pelo qual decido e faço tudo.

Quanto mais fazia, mais eu me perdia: sintético. “Resultado: perda de mim própria”. Quando identificamos o cristianismo com uma das suas possíveis reduções, percebemos imediatamente o resultado que isso produz em nós: a perda de nós mesmos. Porque o cristianismo não é as suas reduções! Portanto, podemos verificar a qualquer momento se o que vivemos é o cristianismo ou não: "O cristianismo é um acontecimento. Não existe outra palavra para indicar a sua natureza: nem a palavra lei, nem as palavras ideologia, concepção ou projeto [...] não é uma doutrina religiosa, um conjunto de leis morais [que eu devo cumprir], um complexo de ritos [...] é um facto [...] tudo o resto é consequência (pp. 20-21). Na experiência, podemos ver em concreto que, assim que nos distanciamos um milímetro que seja daquilo que o cristianismo é - um acontecimento -, imediatamente o percebemos pelo efeito que causa em nós: perdemo-nos; quanto mais fazemos, mais nos perdemos. O que é que permite recomeçar? Por onde começamos de novo? A partir de um facto, como contaste: "As colegas de casa, através de quem eu misteriosamente vivo quotidianamente uma excepcionalidade." Isto corresponde, e não porque elas são a resposta, mas porque as tuas colegas de casa te remetem constantemente para o Mistério e tornam presente a Sua excepcionalidade. Escreve-me uma amiga, que está longe: "Durante o último encontro do grupo de Escola de Comunidade, ao trabalhar sobre o ponto *Para a salvação do homem*, afirmei que, depois do acontecimento da vinda de Cristo, acontecido há dois mil anos, todos os dias se sucedem acontecimentos. Mas nem todos estavam de acordo, e havia mais do que uma pessoa que dizia que o acontecimento foi só um e não uma sucessão de acontecimentos, enquanto que todos os outros são simples factos, ocorrências, e que, por isso, o parágrafo em questão refere-se só àquele acontecimento, ao nascimento de Cristo" [o momento histórico daquele nascimento]. Veem? Um momento depois, já reduzimos o acontecimento. Porque é verdade que o acontecimento é apenas um, isto é, o que aconteceu com aquele nascimento; mas este acontecimento - andámos a dizê-lo durante dois anos na EdC sobre o *Porquê a Igreja* (aqui fazemos o teste de dois anos inteiros de EdC!) - permanece na história. A este respeito, gostaria de retomar um trecho muito esclarecedor de *don Giussani*: "O acontecimento de Cristo [que começou há dois mil anos] torna-se presente "agora" num fenómeno de humanidade diferente: um homem depara-se com ele e surpreende nesse fenómeno um pressentimento novo de vida." Todos começámos daqui. Mas, Giussani continua, "o fenómeno inicial - o impacto com a diversidade humana, o espanto que daí nasce - está destinado a ser o fenómeno inicial e original de cada momento do desenvolvimento"(Da fé o método, *Tracce Quaderni 2*, Coop. Ed. New World, Milão 1994, p. 39, suppl. a *Tracce-Litterae Communionis*, Abril de 1994). Se o acontecimento inicial não acontece de novo, o cristianismo torna-se algo do passado. O cristianismo é um acontecimento, e se o acontecimento não

permanecer contemporâneo, é impossível superar o nosso niilismo. Na verdade, quando não acontece novamente, perdemos-nos; quando acontece de novo, recomeçamos. Escreveu-me outra pessoa:

"Pus-me de novo a caminho depois de muitos anos em que verdadeiramente o meu coração tinha deixado de procurar. Percebo bem o vazio de sentido de que fala Galimberti, porque é um risco que todos corremos e eu também, há anos no Movimento, até participando nos gestos do Movimento, vivia este vazio de sentido e vivia os meus dias "arrastada como uma pedrinha levada pela torrente da vida". Depois, faço um encontro que põe em evidência a minha necessidade e a grande insatisfação que tinha em mim, um momento preciso, um lugar preciso, um rosto preciso". Conta o encontro que teve, e diz: "Isto foi o ponto do meu novo início, voltei a nascer com 37 anos quando fui buscar a minha filha à paróquia, exatamente como tinha renascido, há vinte anos atrás, numa varanda de La Thuile, numa férias dos Liceus. Diz a EdC que "É preciso devolver ao acontecimento a sua dimensão ontológica de novo início." (p.22). [uma pessoa pode começar embatendo numa presença e pode, depois de se ter ido embora, voltar a encontrá-la, embatendo-se inesperadamente com alguém que a põe em movimento; a presença não é uma coisa que fica no passado]. Se este novo início não desencadeasse um processo, se não me fizesse levantar de manhã pedindo que volte a acontecer todos os dias, ficaria parada num facto passado. [surpreende isto na experiência!] num encontro passado. Este voltar a acontecer torna-se o método quotidiano com que Cristo me alcança, senão os meus dias perdem-se". No início – ensinou-nos sempre *don* Giussani – foi-nos dado o método de cada início. Não é como se houvesse um acontecimento no começo, mas depois podemos andar sozinhos sem precisar de acontecer novamente. Não. "O fenómeno inicial [...] está destinado a ser o *fenómeno inicial e original de cada momento do desenvolvimento*". Mas muitas vezes perdemos esse método pelo caminho. Quando acontece o encontro, como ouvimos, inicia-se um processo que faz surgir uma pergunta.

No nosso grupo de EdC surgiu esta pergunta: Como viver segundo o acontecimento e não segundo os nossos pensamentos?

Esta pergunta surge porque o encontro, como vemos, não causa uma mudança de maneira mágica, mas desencadeia um processo, por isso podem ocorrer muitos acidentes ao longo do caminho. É por isso que é normal que esta pergunta surja. Várias pessoas expressaram dificuldades deste tipo: "Eu reconheço o início, mas depois dou-me conta que vivo uma divisão entre o que penso, entre o que reconheci e a vida quotidiana"; "O que significa reconhecer Cristo no quotidiano mais quotidiano?" Outra pessoa expressa uma dificuldade semelhante ao exprimir uma sensação de vazio, como se a vida seguisse em dois trilhos paralelos; ela experimentou um momento de "explosão", mas depois entrou num trilho que não lhe permite experimentar a novidade do começo e sente uma sensação de sufoco, de rebelião, porque agora tem de se contentar em continuar a viajar no trilho de uma vida triste, no trabalho, nos relacionamentos, no casamento, etc. Para outros, a dificuldade diz respeito à simplicidade e à facilidade de O reconhecer de que Giussani fala: "Parece-me que não tenho essa facilidade de O reconhecer".

O que é que significa reiniciar este processo?

Na última EdC semanal com os meus amigos, surgiu isto: "João e André somos todos nós, porque, se estamos aqui, alguma coisa aconteceu no passado, como lhes sucedeu a eles naquele dia". Mas, honestamente, a mim esta afirmação não me chega, falta uma parte, eu preciso de alguma coisa agora, não posso basear-me somente num grande ou pequeno encontro, feito há tempo atrás. Aquilo que me impressionou naquela página de João é quando descreve o facto de muitos virem de todas as partes de Israel para ver e ouvir João Batista, mas a seguir diz que estavam de tal modo "habitados" ao seu modo de falar, tão cheios de si, que não levaram em consideração quem ele indicava, naquele dia, no

Jordão. Então percebi que entre aqueles "muitos" estou também eu. Todos os dias faço experiência daquela incrustação de hábitos que me envolve, do "já sabido" que não me deixa dar conta do que acontece. Eu, como aqueles fariseus, permaneço sempre ali imóvel nos meus pensamentos e opiniões, convencido que já não existe nada de verdadeiramente novo para mim. O que é que há que eu já não conheça? A vida é ritmada pelas mesmas coisas: a EdC, ciclicamente sobre os mesmos textos que se alternam no tempo; os exercícios, os retiros, o Banco Alimentar, a Passos comprada por devoção e nunca aberta... Estou todos os dias nas margens do Jordão sem dar um passo, sem sequer tentar levantar o olhar. Mas então, eu onde estou? Estou farto e enjoado das "afirmações graníticas" e "do que tem de ser feito" como dizia a nossa amiga na última vez. Eu quero-me de volta a mim próprio e desejo que esta minha ferida não seja a minha sepultura, mas um novo início, quando Deus quiser. Ajuda-me a perceber qual é o ponto a partir do qual recomeçar.

O ponto a partir do qual recomeçar é onde o acontecimento acontece novamente, reconhecendo-o quando acontece novamente. Para isso, devemos estar atentos. Porque esta é a grande questão: que eu me dê conta do que está a acontecer. Como disseste, muitas vezes o que falta- como Giussani nos dizia com frequência - não é o acontecimento, somos nós! "Mas então onde é que eu estou?", disseste tu. O que é que o acontecimento gera? O que é que significa o acontecimento? *Don* Giussani diz-nos isso precisamente nas páginas que estamos a trabalhar. O acontecimento cristão "é um facto que revela o eu a si mesmo" (p. 21). O que é que significa que revela o eu a si mesmo? Que o homem seja ele próprio, isto é que "o homem seja" salvo "quer dizer que ele reconheça quem é, que reconheça o seu destino e saiba como conduzir os seus próprios passos para ele" (p. 22). Não há apenas uma afirmação da autoconsciência de si mesmo, mas também o começar a perceber o que é o destino e quais são os passos a serem dados na sua direção. *Don* Giussani repete isto quatro vezes. No encontro "o eu começa a tomar consciência de si, a tomar consciência do destino para o qual está a caminhar, do caminho que está a fazer" (p. 22). E ainda: o acontecimento «apresenta-se como o método escolhido por Deus para revelar o homem a si próprio, para o despertar para uma clareza definitiva relativamente aos seus fatores constitutivos, para o abrir ao reconhecimento do seu destino e para o sustentar no caminho rumo a este "(p. 23). Não é uma coisa estática, mas um facto que põe em movimento o meu eu: "Deus tornou-Se um acontecimento na nossa existência quotidiana, para que o nosso eu se reconheça claramente nos seus fatores originais e alcance o seu destino, salvando-se." (*ibid*) O que é que fizeram João e André, os dois primeiros, no dia seguinte a O terem conhecido? Foram procurá-Lo e depois voltaram a procurá-Lo e a procurá-Lo novamente, porque "esse caminho requer o empenho do homem, tocado pelo acontecimento, até alcançar o verdadeiro significado daquilo que ele começou a entrever: é um caminho do olhar.» (*ibid*). É como quando alguém conhece uma pessoa significativa para si. Não é que isso aconteça e ele fica em casa sem fazer nada. Demonstra-se que alguma coisa lhe aconteceu porque se move em direção ao que deseja. Se falta isto, o que é que acontece? A vida congela. Mas quando acontece alguma coisa que torna o eu de novo protagonista, tudo se move novamente, como aconteceu a um amigo que escreve: "Encontrei o movimento na universidade: depois de anos, decidi abandonar tudo. Tinha-me acontecido um facto pessoal muito dramático, culpei Deus e decidi ir por outro caminho. Até que me aconteceu uma coisa: tive uma quebra de tensão no trabalho que me encheu de medo; o diagnóstico foi stress, ansiedade. O problema é que não passava e o medo crescia, até que me vieram à cabeça os milhares de jantares passados com os meus amigos da universidade, com esta ânsia sempre no peito. Assim, pude reconhecer de que é que se tratava. Lembrei-me dela, já não era uma incógnita, era a vontade de viver, de ser feliz, aquela nota de Chopin que como um martelo nunca te abandona. Então o medo desapareceu. Como tinha deitado tudo para o lixo já não a reconhecia. No dia a seguir, acordei cedíssimo com o "martelo" fixo no peito e levantei-me para ir ver a aurora [novamente alguma coisa que o põe em movimento]. Mal

o sol estava para nascer, na aurora, saíram-me da boca palavras que eu não dizia desde a universidade: «Antes do alvorecer/na espera vigiamos». [palavras que se calhar também nós dissemos esta semana, mas sem pestanejar]. Aquilo que eu tinha deitado fora estava a voltar de repente. Passei o dia a procurar Jesus como um louco, com o mesmo ímpeto com que depois procurei o movimento. Precisava de amigos que me abraçassem, de amigos que me fizessem ver, a cada segundo, Cristo presente. Sozinho, eu teria morrido. E encontrei-os. Dizia Galimberti que a solução é a “justa medida”. A “justa medida” não serve para nada. A “justa medida” não corresponde, tal como não corresponde o outro extremo, ou seja, fazer coisas loucas para nos esquecermos de nós próprios. Só Ele corresponde!”. Porque é que se regressa depois de se ter deitado tudo fora? Porque é que se procura Jesus o dia inteiro, como um louco? Porque, como diz a EdC, "de um acontecimento já não se pode voltar atrás" (p. 23), aconteça o que acontecer. Às vezes, são precisamente os desafios que temos de enfrentar que põem em evidência o que é que nos aconteceu.

Como pode um homem ter tudo e em poucos segundos já não ter nada? Sentir-se assim de repente é um massacre, dói. Falo em nome de toda a pequena comunidade da ilha de Pellestrina onde todos foram vítimas da catástrofe que atingiu Veneza. Naquele aterrador momento inesperado, estava a fazer o percurso da minha casa a casa dos meus pais. Via a maré subir cada vez mais, mas dizia-me que para nós é normal. E caminhando duma casa para a outra, ainda assim rezava a Nossa Senhora, visto que a temos na ilha. Mas havia alguma coisa que não estava bem, que não funcionava. De repente, uma onda de água submergiu a ilha com uma força assustadora. Dei por mim no escuro, na estrada, com água até ao peito. Num segundo, toda a minha certeza desapareceu, e prevalecia o meu grito: “Mas porquê?” Perguntava-me: “Mas acaba tudo aqui? É esta a minha necessidade? É isto que me determina?”. Disse-me: “Ergue os olhos, e olha para aqueles olhos e olhares de que és feito, daquela substância que faz tudo”. E ainda que isto não tire a dor, agradeço porque tu, a comunidade, a Fraternidade, os amigos, o meu pai e a família são a força silenciosa, mas poderosa, que me permite demolir aquele “Mas porquê?” Isto não posso negá-lo, pelo facto de o Mistério estar sempre aqui e que me acompanha. A minha filha, no momento da onda de choque, estava sozinha com o avô, tentavam aguentar a porta só com a força dos braços e com a água pela barriga e no escuro. E ela, passado o pânico, diz-me: “Sabes, pai, estava ali sozinha com o avô, não dizíamos nada, então começámos a rezar Avé-Marias, para que nos ajudasse, e funcionou, ouviu-nos, porque, acredita, tinha medo de morrer”. Não sei o que dizer, mas sei que a minha relação com Ele consegue vencer tudo, graças a esta humanidade, que consegue fazer-te continuar a estar na vida duma maneira verdadeira e diferente. Toda a gente me telefonou, um povo que rezou e reza por nós. Acredita, este é o combustível para o nosso coração e para derrubar aquele “Mas porquê?”.

Só quando O vemos vencer, seja qual for o desafio que enfrentamos, podemos realmente alcançar a certeza de que precisamos para estar na realidade. Mas, ao mesmo tempo, só podemos alcançá-la se nos envolvermos numa verificação, caso contrário, não se poderia dizer o que acabamos de ouvir: "Eu sei que a minha relação com Ele consegue vencer tudo, graças a esta humanidade, que consegue fazer-te continuar a estar na vida de uma maneira verdadeira e diferente." Esta é a novidade que Cristo introduz nas nossas vidas, na nossa autoconsciência, para nos permitir estar diante de tudo. Por isso é determinante darmos conta do que está a acontecer.

Queria partilhar contigo o impacto que vivi durante a última EdC. Retomo só algumas intervenções: uma amiga conta um dia difícil, em que estava muito cansada, até que a certa altura, fala ao telefone

com uma amiga, uma mãe que tem ELA (esclerose lateral amiotrófica) há alguns anos, que a certa altura, no diálogo, lhe diz: "Temos de agradecer, o Senhor é tão bom comigo". De repente, vive a correspondência com o coração de um olhar tão excepcional que a liberta, revela-lhe o seu verdadeiro desejo. Uma outra amiga, que encontrou o movimento na Universidade, conta que a sua prima, que tinha sido sempre contra o movimento, aceitou almoçar com um seu amigo do movimento. Quando acabou o almoço, a prima telefona-lhe espantada, preenchida e agradecida, e diz-lhe que foi um encontro excepcional e que quer ir à Escola de Comunidade para não perder o que tinha visto. Vendo a sua prima assim, que tinha sido sempre contra o movimento, esta amiga pergunta-se: "Mas quando é que, nestas semanas, o meu coração foi magnetizado assim?". E outras histórias como estas, aparentemente "desproporcionadas", e onde, no entanto, não só para quem os contava, os factos revelavam o eu a si mesmo. Factos que representavam, diz a EdC: "A irrupção de uma novidade – o que dá início ao processo pelo qual o eu começa a tomar consciência de si, a tomar consciência do destino para o qual está a caminhar, do caminho que está a fazer". p 22. Enquanto as pessoas contavam, eu dava-me conta que aquilo que tinha diante dos olhos era da mesma natureza daqueles "apontamentos" de que fala o primeiro capítulo do Evangelho de S. João. Na EdC, don Giussani pergunta-se: "Mas como é que puderam os dois primeiros, João e André [...], terem sido de imediato assim conquistados e reconhecê-lo («Encontrámos o Messias»)? Existe uma aparente desproporção entre a forma muito simples do que aconteceu e a certeza dos dois [...] reconhecer aquele homem, [...] no seu valor único e incomparável («divino»), devia [...] ser fácil. [...] Devido a uma excepcionalidade sem comparação [...] uma não imaginada, inimaginável, nunca experimentada correspondência com o coração(pp.18-19). O que eu tinha diante era tal e qual. O texto acrescenta "Trata-se, portanto, de uma experiência a ser feita. Esse caminho requer o empenho do homem, tocado pelo acontecimento, até alcançar o verdadeiro significado daquilo que ele começou a entrever: é um caminho do olhar"(p. 23-24). Neste caminho do olhar, cada vez mais me dou conta de como é decisiva para mim esta companhia guiada: porque a" consciência atenta à descoberta de que «Deus é tudo em todos», "(p.10) como nos testemunhava o D. Gius na Introdução, cresce em mim. Vejo que esta tensão cresce em mim, e cresce em mim na infidelidade, na infidelidade que, como diz o D. Gius, " surge sempre no nosso coração, mesmo diante das coisas mais bonitas e mais verdadeiras,"(p. 10). Mas cresce. Falo de uma companhia guiada, porque a geração que vejo acontecer, é possível porque há um pai que me torna consciente de que o ponto decisivo é interceptá-Lo no presente. O movimento gera-me, despertando a atenção para aquilo que acontece, e assim reconheço a paternidade na minha vida: tu estás comigo mesmo quando não estás, porque colocas de novo diante dos meus olhos, sem nunca ceder, aquela pergunta que tira o fôlego: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se depois perder a sua alma?? E assim, despertando novamente o meu sentido religioso, e por isso a minha tensão para O reconhecer, toda a realidade me fala. Hoje percebo mais o que muitas vezes nos disseste, ou seja, que a autoridade está dentro da experiência que vivemos.

É de tal forma verdade que a autoridade está dentro da experiência que vivemos que é precisamente o que nos conquista, como conquistou João e André! Como é que os primeiros foram conquistados daquela maneira, desde logo? Pelo facto de se terem confrontado com uma autoridade, uma excepcionalidade incomparável. Mas esta é uma experiência a ser tida, porque precisamente quando uma pessoa faz esta experiência, não pode deixar de envolver toda a sua humanidade. Este é o acontecimento: um facto que desperta de tal forma o nosso eu que não nos deixa fora de jogo, mas nos coloca em movimento, fazendo-nos fazer um "caminho do olhar", educando-nos dia após dia a reconhecer a sua excepcionalidade seja onde for, como vimos esta noite. Esta é a promessa que a EdC que acabamos de começar faz a cada um

de nós. Não se trata simplesmente de retomar um texto, nem de aprender determinados conceitos, mas de ter exatamente a mesma experiência de João e André e daqueles que O encontraram, de reviver "isto é", o que lhes aconteceu no princípio: não "como" aconteceu no princípio, mas "o que" aconteceu no princípio: o impacto com uma diversidade humana na qual se renova o mesmo acontecimento que os provocou originalmente." (Da fé o método, op. cit. p. 42). Caso contrário, o cristianismo seria apenas um facto do passado e não teria qualquer interesse para viver hoje. Don Giussani dá-nos um critério simples para verificar se O reconhecemos: "Que o reconhecimento, depois, é verdadeiro, vê-se no facto de que a vida, assim, tem uma última e tenaz capacidade de letícia" (p. 8).

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, 18 de dezembro, às 21h00 (ITÁLIA). Continuamos o trabalho sobre o livro *Gerar rasto*. Este mês será sobre os pontos 3,4,5,6 do 1º capítulo. Assinalo que, no site do CL, na secção "Escola de Comunidade", poderão encontrar os ficheiros áudio das partes que estamos a trabalhar (IT).

Além disso, nos próximos dias 23 e 24 de novembro, a Rizzoli [editora italiana] renova a oferta especial do e-book do "Gerar Rasto...", pelo custo de apenas €2,99.

Passos/Tracce

No diálogo com os responsáveis regionais do movimento sobre a experiência vivida com a venda extraordinária da Passos, veio ao de cima em primeiro lugar que foi a possibilidade - para tantos que se envolveram na venda - de tomar consciência daquilo que comunicamos e procuramos partilhar com a revista. Para muitos foi a possibilidade de recomeçar a lê-la. Foi surpreendente como tantos testemunharam que os últimos a chegar são os que mais têm interesse pela revista e nós tantas vezes nem a lemos. Algumas pessoas advertiram inicialmente uma distância entre a comunicação que a Passos faz da vida e a EdC, mas depois deram-se conta que está tudo unido e isso permitiu ter uma razão ainda maior para pensar e realizar o gesto da venda extraordinária, precisamente porque é uma experiência o que é proposto com a revista. A Tracce não é simplesmente um bocado de papel, mas um instrumento de partilha da experiência que vivemos. Um outro aspeto que veio ao de cima foi a redescoberta da dimensão missionária como fator normal da experiência e não como mais uma coisa a fazer, como um acrescento externo. Isto permitiu também viver a jornada de venda da Tracce não como um peso, mas com um sentimento de festa. Houve quem comparasse com o Banco Alimentar, dizendo que o Banco Alimentar é um gesto mais fácil, porque é difícil que alguém diga que está errado recolher bens para os pobres. Quem é que não reconhece isto? Mas isto faz-nos dar conta de uma coisa que vimos hoje. Como toda a gente, também nós pensamos que uma coisa é razoável quando responde a uma necessidade, mas muitas vezes fazemos uma redução da necessidade; se é importante uma necessidade mais material, imaginem como é decisiva a necessidade sem fim de tantas pessoas a quem falta o sentido da vida. Neste sentido, houve pessoas que compraram a Tracce porque, no diálogo com quem a propunha, encontrou alguém que respondia ao nível da verdadeira necessidade que tem, que é que a vida possa ter um sentido.

Esta é a razão pela qual queremos também viver o gesto do Banco Alimentar - que será sábado, 30 de novembro -, com uma consciência maior da nossa necessidade e das pessoas que encontramos.

Como veem, estes gestos, se os vivemos com esta consciência, são uma ajuda fundamental à nossa educação, para ter um olhar que faça vibrar todo o humano.

Manifesto de Natal. Este ano a imagem é um pormenor da *Adoração dos Pastores*, de Caravaggio. A primeira frase é o famoso diálogo entre o Inominado e o Cardeal Federigo, tirado d’*Os Noivos*, de Alessandro Manzoni, que citámos tantas vezes nestes últimos tempos:

Assim que entrou o Inominado, Federigo foi ao seu encontro de rosto atencioso e sereno, e de braços abertos, como a uma pessoa desejada; «quando há tanto tempo, tantas vezes, devia eu ir ter consigo».

«Ter comigo, vós! Sabeis quem sou?

Disseram-vos bem o meu nome?».

«Deixai», disse Federigo, prendendo-a com amorosa violência, «deixai-me apertar esta mão».

Assim dizendo, estendeu os braços ao pescoço do Inominado, o qual, depois de ter tentado subtrair-se, e resistido um momento, cedeu, como que vencido por aquele ímpeto de caridade, abraçou também o cardeal. O Inominado, soltando-se daquele abraço, exclamou: «Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me, compreendo quem sou».

«Não julgueis que me contento com esta visita por hoje. Voltareis, não é verdade?».

«Se voltarei?» – respondeu o Inominado. – «Mesmo que vos recusásseis a receber-me, eu ficaria obstinado à vossa porta, como um pobre mendigo. Preciso de falar convosco! Preciso de vos ouvir, de vos ver! Preciso de vós!».

A segunda frase é de *don* Giussani, e é tirada do *Gerar rasto*:

O acontecimento cristão tem a forma do encontro com uma realidade física, corporal, feita de tempo e de espaço. É o encontro com uma realidade presente, viva, integralmente humana, cujo resultado exaustivo é o de ser sinal visível da presença de Cristo, de Deus-feito-homem através da precariedade de uma aparência humana. Este encontro é o que polariza continuamente a nossa vida, dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele não existe nenhuma fonte de consciência de novidade na vida.

O Manifesto é uma ocasião para fazer memória e dar testemunho do que nos é querido.

Angariação de fundos. Todos temos presente a dramática situação que muitas zonas de Itália, em primeiro lugar Veneza, como ouvimos contar o nosso amigo de Pellestrina, tiveram que enfrentar por causa do mau tempo dos últimos dias. Todos sentimos o desejo de ajudar as populações atingidas e, ainda mais, de ir em socorro das necessidades dos nossos amigos que foram envolvidos. Por isso, a Fraternidade de CL, também fazendo tesouro da experiência destes anos, propõe sempre a todos um gesto essencial ajuda: o Fundo Comum. Este é o primeiro gesto de ajuda: cada um, através daquilo que dá, contribui para a necessidade de todos; e quem está em dificuldade sabe que pode pedir ajuda à Fraternidade. No caso específico dos nossos amigos de Veneza, a Fraternidade já se empenhou em apoiá-los de forma adequada.

Bom trabalho.

Veni Sancte Spiritus.